

# Língua e Linguagem na construção distópica de O Doador de Memórias

Alessandra Leles Rocha<sup>67</sup>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

## **Resumo**

O modo como a comunicação se estabelece entre os seres humanos é um indicativo importante sobre como a linguagem é percebida e compreendida pelas pessoas. Por isso, *O Doador de Memórias*, de Lois Lowry, através de uma construção distópica aborda temas de interesse humano, tais como, controle social, liberdade, direito de escolha e diferenças. Nessa interface criativa da ficção com a realidade é possível se estabelecer um novo olhar sobre a vida e suas relações sociais, de modo que os pensamentos e as conclusões do seu público leitor possam ser apurados de modo bem mais ameno se comparado ao peso de uma leitura cotidiana de jornal; mas que não perdem qualitativamente em termos de potencial transformador humano. Assim, esse artigo propõe uma análise crítica a partir da relação que se estabelece entre a língua, a linguagem e a literatura na composição das relações sociais e de poder presentes no livro.

## **Palavras-Chave**

Literatura. Língua. Linguagem. Distopia.

---

67 Graduada em Letras, Habilitação em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa, pela Universidade Federal de Uberlândia. Bacharel em Ciências Biológicas, pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Geografia (Área de Concentração: Análise, Planejamento e Gestão Socioambiental), pela Universidade Federal de Uberlândia.

## Introdução

É inquestionável o papel da língua e da linguagem na construção social, permitindo a inserção humana neste ou naquele lugar, na medida em que conforme Bakhtin (1997) trata-se de um “fenômeno ideológico por excelência [...] o modo mais puro e sensível de relação social”. (BAKHTIN, 1997, p. 36)

Isso se explica, segundo Coelho e Mesquita (2013), porque:

A língua envolve todas as ações e pensamentos humanos e possibilita ao indivíduo exercer influências ou ser influenciado pelo outro, desempenhar seu papel social na sociedade, relacionar-se com os demais, participar na construção de conhecimentos e da cultura, enfim, permite-lhe se constituir como ser social, político e ideológico. (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 26)

E ainda acrescentam que:

a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicado* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (Bakhtin, 1997, p.41 apud COELHO; MESQUITA, 2013, p.33).

Nesse sentido, o semiolinguista russo Roman Jakobson baseou suas teorias na compreensão de que a linguística tinha “o direito e o dever de empreender a investigação da arte verbal em toda a sua amplitude e em todos os seus aspectos” (JAKOBSON, 1995, p.161). O que o teórico resume no papel da poética, ou seja, a “análise científica e objetiva da arte verbal” (JAKOBSON, 1995, p.121), a qual pretende buscar “as *differentia specifica* entre a arte verbal e as outras artes e espécies de condutas verbais” (JAKOBSON, 1995, p.119).

Assim, na primeira metade do século XX, “Emerge a ideia de que a literatura deve ser definida como modalidade específica da linguagem verbal, relacionando-se com a linguística” (LOPES, 2010, p.3). No entanto, não se pode desconsiderar que se a linguagem literária é resultado de uma função específica da linguagem verbal, ela também é a *mimesis*, ou seja, é a arte que imita pela palavra. Isto quer dizer que a literatura imita a vida e esta está, portanto, continuamente a ser interpretada.

Daí, a imensa importância do discurso literário como instrumento decisivo para a assimilação e difusão de uma cultura, de uma identidade. Conforme constata Antônio Candido, na obra *A literatura e a formação do homem* (1972), a principal função da literatura

diz respeito a esse caráter humanizador, o qual significa expressar o ser humano, mas também, agir na sua formação.

Diante disso, Brito (2010) explica que:

é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles. (BRITO, 2010, p.1-2)

A literatura vem, portanto, através dos tempos, cumprindo seu papel de entretenimento e cultura; mas sem perder a intenção de colaborar e de manifestar com o debate social. É como explica Lopes (2010):

A obra literária apresenta dois valores fundamentais: o valor de significado – semântico; o valor formal – de expressão linguística. “O valor do significado está essencialmente radicado na ficção, no suceder fictício; o valor da expressão está essencialmente radicado na linguagem. Sem intenção estética aplicada à linguagem não existe literatura, porque não há dimensão artística” (MENEZES, 1993: 13). (LOPES, 2010, p.7)

Nesse contexto, Araújo (2011), então, manifesta que:

Vivemos um período de total metamorfose. Com a revolução científica e tecnológica o mundo se reorganiza numa velocidade impressionante e isso nos obriga a aprender a lidar com as incertezas. O futuro é totalmente incerto e como consequência há um aumento no número de utopias e distopias acerca da realidade que ainda não se realizou. (ARAÚJO, 2011, p.3)

Assim, a utopia e a distopia concorrem no imaginário humano por meio dos simbolismos que interferem nos sentidos, estabelecendo uma possibilidade de ressignificar o real. De acordo com Durand (1997 apud ARAÚJO, 2011, p.5), o imaginário é o “conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *Homo sapiens*. Por isso, Araújo destaca que “o imaginário possui um compromisso com o real e não com a realidade”. (ARAÚJO, 2011, p.5)

Foi no trânsito desses simbolismos que no século XVI surgiu o termo utopia, no qual se pretende desenvolver um discurso entre um real que se rejeita e um ideal que se espera e se deseja. Tal proposta foi desenvolvida pelo teórico inglês Thomas Morus, na obra *Utopia*, na qual, a partir da chegada do ser humano civilizado num paraíso natural esta ilha seria o lugar ideal para a construção da sociedade perfeita, visto que ele estabelece modelos socioeconômicos que não existem e não teriam sustentação para prosperar.

Então, no século XX, surge a distopia ou utopia negativa, como marca da sociedade contemporânea, refletindo características tais como:

costumam explorar moralmente os dilemas presentes que refletem negativamente o futuro, oferecem crítica social e apresentam as simpatias políticas do autor, exploram a estupidez coletiva, o poder é mantido por uma elite pela somatização e consequente alívio de certas carências e privações do indivíduo, possuem discurso pessimista, raramente “flertando” com a esperança. (ARAÚJO, 2011, p.6)

O primeiro uso conhecido da palavra *distopia* apareceu num discurso ao Parlamento Britânico por Gregg Webber e John Stuart Mill, em 1868, referindo-se a um lugar oposto à utopia, ou seja, um lugar ruim.

Portanto, utopia e distopia se diferem na medida em que a primeira ideia é uma projeção factível de um futuro ideal, enquanto a segunda, a previsão de futuro é pior que o presente, dado o terrível projeto coletivo de sociedade existente; servindo como importante alerta de reflexão crítica.

Segundo Hilário (2013, p.201), “o gênero da distopia em particular, emerge como dispositivo de análise radical da sociedade, cujo objetivo é analisar os efeitos de barbárie que se manifestam em determinado tecido social”, acrescentando que:

a literatura não é vista como reflexo mecânico da sociedade, mas sim como um modo de experienciar determinado contexto social, ao mesmo tempo dele fazendo parte como também o construindo: “a referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela” (ADORNO, 2003, p. 66). (HILÁRIO, 2013, p.203)

Além disso, o autor expressa a importância desse gênero quando afirma que “a possibilidade de pensar criticamente acerca da nossa *barbárie comum* é aberta por estas distopias” (HILÁRIO, 2013, p.213). Por isso, não é sem razão que muitas obras têm sido destinadas a esses dois gêneros, utopia e distopia.

Pavlovski (2005) justifica, então, que “A inquietação com os desajustes da realidade social constantemente motiva pensadores e artistas a buscar alternativas que apontem para a possibilidade de uma reestruturação, profunda senão completa, das relações entre indivíduos e sociedade”. (PAVLOVSKI, 2005, p.1)

No caso da literatura utópica pode-se citar como exemplos, *A Utopia Moderna* (1905) - H. G. Wells, *Peter e Wendy* (1911) - James Matthew Barrie, *Herland* (1915) - Charlotte Perkins Gilman, e *Horizonte Perdido* (1933) - James Hilton. Em relação à literatura distópica h *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* (1949) – George Orwell, *O Conto da Aia* (1985) - Margaret Atwood, *O doador de memórias* (1993) - Lois Lowry, *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) – José Saramago, e *Jogos Vorazes* (trilogia) – Suzanne Collins.

O que leva a literatura, então, a desenvolver tal interesse está relacionado ao fato da dificuldade social em compreender a chamada *crise de identidade*, que “é vista como parte

de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2006, não paginado).

Conforme explica Zygmunt Bauman, em seu texto *Identity in the Globalizing World (Identidade do Mundo Globalizado)*, o problema de homens e mulheres em relação às identidades se volta, sobretudo, suas escolhas e como elas podem ser reconhecidas pelas pessoas ao redor, o que gera a determinação de um padrão social por uma autodeterminação compulsiva e obrigatória.

Assim, Rezende (2007) considera que:

houve um rompimento da lealdade, construída historicamente, entre o Estado e a nação. Sem essa lealdade ocorrem modificações significativas até mesmo do ponto de vista institucional. O Estado teria seu poder sucessivamente fragilizado, quando não implodido, pelos novos poderes globais que se assentam, justamente, na extraterritorialidade. Desse modo, o Estado, nas condições atuais, não responde às demandas da nação, mas sim às demandas desse poder global que não admite, de modo algum, que a ação do Estado privilegie a nação ao invés dele. (REZENDE, 2007, p.12-13).

Então, quando a literatura propõe um olhar totalmente contrário a tudo isso, como no caso das utopias e distopias, a capacidade de perceber o que de fato acontece se amplia e o leitor estabelece a sua própria reflexão. Isso acontece porque, segundo Lopes (2010):

Lembremos que a obra literária “só adquire efectiva existência como obra literária, como objecto estético, quando é lida e interpretada por um leitor, em conformidade com determinados conhecimentos, determinadas convenções e práticas institucionais” (SILVA, 2007: 33). Isto quer dizer que o texto literário enquanto objecto estético exige a intervenção de um leitor, de um receptor. [O autor, criador e produtor de ideias, escreve para um público “virtual”, para uma amálgama de seres desconhecidos. No entanto, este público potencial pode ser definido, segundo Francis Vanoye, “dentro de certos limites traçados”, a saber: pelo autor, pelo género, pelo tipo de distribuição e produção, pelo canal e/ou pelo conteúdo (VANOYE, 1991: 137)]. (LOPES, 2010, p.8)

Dentre tantas reflexões promovidas pela leitura da obra *O doador de memórias*, da autora Lois Lowry, está a importância da língua e da linguagem na composição das relações sociais e de poder. O modo como a comunicação se estabelece entre os seres humanos é um indicativo muito importante sobre como a linguagem é percebida e compreendida pelas pessoas.

Portanto, tendo em vista todas essas possibilidades de análise e interpretação, esse artigo se concentra no aspecto linguístico da construção literária de *O doador de memórias (The Giver)*, pela autora Lois Lowry.

### **Distopia em *O doador de memórias***

Nascida em Honolulu, Havaí, em 1937, Lois Lowry, iniciou sua carreira literária em 1977, publicando *A Summer to Die*. Dois anos depois, *Autumn Street*. Em 1989, ganhou destaque com *Number of Stars*, um livro que explora a invasão nazista da Dinamarca durante a Segunda Guerra Mundial.

Mas foi em 1993, com a ficção utópica e distópica *The Giver* (*O Doador de Memórias*) que Lowry ganhou a Medalha Newbery (1994) pelo romance. Ao longo dos anos, Lowry adicionou a sua escrita sobre um futuro distópico *Gathering Blue* (2000), *The Messenger* (2004) e *Son* (2012).

Aos 80 anos, Lowry divide seu tempo entre sua casa em Cambridge, Massachusetts e sua fazenda do século XIX em New Hampshire. Ela escreve por cerca de cinco horas por dia, trabalhando em mais de um projeto por vez.

Ainda que seus livros tenham conteúdo e estilo variado há em todos eles uma referência importante às conexões humanas, o que facilita o trânsito pelo gênero da utopia e da distopia.

No caso de *O doador de memórias*, essa conexão se materializa a partir do cuidado que a autora dispensa na escolha do léxico e o modo como é empregado, como formas de garantir a facilidade de construção das ideias utópicas e distópicas.

Isso possibilita uma maior clareza de compreensão das ideias e intenções a serem manifestas pelas personagens. Como ocorre, por exemplo, em “[...] ele se deu conta de que “assustado” era uma palavra errada para definir seus sentimentos, agora que dezembro estava quase chegando. Era um adjetivo forte demais” (LOWRY, 2014, p.8).

Além disso, no que diz respeito à escolha lexical há uma força que representa a organização social, nessa obra de ficção; sobretudo, na designação das funções de cada personagem na trama, dispensando na maioria das vezes a utilização de nomes próprios para identificá-los.

Esse grau de impessoalidade proposto pela obra nos remete à ideia da perda de uma identidade individual para a formação de uma identidade coletiva. Isso porque, tal movimento favorece a manutenção do equilíbrio e do controle social proposto na distopia, onde a língua se constitui um instrumento decisivo para a assimilação e difusão de uma cultura, de uma identidade única.

No entanto, esse ideário vem de certa forma confrontar o que de fato vem se desenvolvendo na sociedade mundial a partir do século XIX, ou seja, as sociedades modernas eram por definição sociedades de constante, rápida e permanente mudança, na qual a modernidade não era apenas uma impiedosa quebra com alguma condição preexistente, mas

por um processo sem fim de rupturas internas e fragmentações dentro dela mesma; até que as sociedades pós-modernas surgiram cortadas através de diferentes divisões sociais e antagonismos sociais os quais produzem uma variedade de diferentes posições de sujeito para os indivíduos, como por exemplo, as identidades.

Assim, *O Doador de Memórias* transita pelos caminhos da utopia e da distopia para explicar os riscos que se escondem na construção de uma “sociedade perfeita”. E nesse contexto, há uma reafirmação do significado dos ritos de passagem e iniciação para a manutenção da equidade social.

– Quando eu era um Onze como você, Jonas – disse seu pai –, fiquei muito impaciente enquanto esperava pela Cerimônia de Doze. São dois dias muito compridos. Lembro que gostei da Cerimônia de Um, como sempre, mas não prestei muita atenção às outras cerimônias, exceto à da minha irmã. Ela se tornou uma Nove naquele ano e ganhou a sua bicicleta. Eu a vinha ensinando a andar na minha, embora oficialmente não pudesse fazer isso. (LOWRY, 2014, p.17)

E essa é uma questão interessante para se pensar a realidade do século XXI, na medida em que, segundo Lima (2007),

De acordo com Berger e Luckmann (2004), a perda dos rituais de passagem e iniciação, no qual “o apoio social do sentido impedia que as mudanças constituíssem choques profundos ou, até mesmo, ameaça existencial para a pessoa” (p. 66), foi responsável pela criação de novas instituições de produção e comunicação de sentido, como por exemplo, as mídias e as instituições intermediárias. (LIMA, 2007, p.614).

Outro aspecto importante desse ideário de “sociedade perfeita” está no controle sofrido por ela e manifestado pela palavra *Mesmice*, a qual pode ser explicada como um processo de alienação e subordinação daqueles indivíduos. Tanto que o personagem Doador a utiliza várias vezes durante o treinamento da personagem Jonas,

– Nosso povo fez essa opção, a opção de ir para a Mesmice. Antes do meu tempo, antes do tempo anterior ao meu, muito tempo atrás. Desistimos das cores quando desistimos do sol e acabamos com as diferenças. – Calou-se e ficou pensando um instante. – Adquirimos controle sobre muitas coisas. Mas tivemos de abrir mão de outras. (LOWRY, 2014, p.99-100)

Lois Lowry também faz questão de estabelecer para o leitor a distinção entre a sociedade, na qual se passa a história e outra, a qual ela denomina Alhures<sup>2</sup>, cujo entendimento permeia a subjetividade, o imaginário das personagens.

– Do mundo inteiro? – perguntou. – Não compreendo. Quer dizer, não só nossas? Não só da comunidade? Até de Alhures? – Sua mente tentou assimilar o conceito. –

<sup>2</sup> Em outro lugar. (FERREIRA, A.B. de H. Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira. 8.ed. Curitiba: Positivo, 2010. 960p.)

Desculpe, senhor. Não estou compreendendo. Talvez eu não seja inteligente o bastante. Não sei o que quer dizer quando diz “o mundo inteiro” nem “gerações antes dele”. Pensei que só nós existíssemos. Achei que só existisse o agora. (LOWRY, 2014, p.82).

O fato da sociedade em que a personagem Jonas vive busca manter os sentimentos, as palavras e as ações sob controle total para que haja uma coexistência plenamente harmoniosa e pacífica estabelece, portanto, a impossibilidade da diferença. Desse modo, quaisquer falhas, incapacidades ou deslizes culminariam no procedimento de *dispensa*, ou seja, os indivíduos eram banidos daquela “sociedade perfeita”.

– Fiquei assustada, também, por ele – admitiu. – Vocês sabem que não existe uma terceira oportunidade. As regras dizem que, se ocorrer uma terceira transgressão, a pessoa simplesmente tem de ser dispensada.

Jonas estremeceu. Sabia que isso de fato acontecia. Havia um menino em seu grupo de Onze cujo pai fora dispensado anos atrás. Ninguém jamais comentava o assunto; a desonra era inexprimível, difícil de imaginar. (LOWRY, 2014, p.13).

Mas, se a *dispensa* seria uma desonra, o fato de ser escolhido como o *Recebedor de Memória* era exatamente o contrário. No entanto, tal honraria não isentava o escolhido da responsabilidade e da dor contidas na função, como explica o *Doador de Memória*, “– Honra – disse ele em tom firme. – O que me concederam, o que possuo, é uma grande honra. Como você. Mas vai descobrir que isso não é o mesmo que ter poder” (p.88).

Posteriormente, durante um diálogo entre o *Doador* e o *Recebedor* essa ideia começa a ser mais bem explicada, partindo-se da questão do risco de *escolher*.

– Mas agora que consigo ver cores, pelo menos de vez em quando, andei pensando: e se pudéssemos mostrar a ele coisas de cores vivas, vermelhas, amarelas, e ele pudesse *escolher*? Em vez da Mesmice.

– Ele poderia fazer escolhas erradas.

[...]–Não é seguro? – sugeriu o Doador.

– Decididamente, não é – afirmou Jonas, cheio de convicção. – Imagine se pudessem escolher seu cônjuge? E escolhessem *errado*? –E prosseguiu, quase rindo da ideia absurda: – Ou se pudessem escolher o próprio *cargo*?

– Seria assustador, não é? –disse o Doador. (LOWRY, 2014, p.102)

Assim, por tudo que foi apresentado até aqui é que se torna possível ratificar a relevância da língua e da linguagem para a construção literária, como explica Pantaleoni (2011),

Toda a literatura que se ocupa com as questões humanas necessita dos recursos da representação disponíveis na linguagem. Aquele que não domina a linguagem escreve pelas bordas. Mais ainda: sem o domínio da linguagem torna-se improdutivo articular aquilo que se supõe como o *a-se-pensar*. De posse de uma linguagem rasa e puída, nem mesmo se torna viável investigar o legado das histórias das ideias. E menos ainda se torna possível imaginar qualquer horizonte de sentido. (PANTALEONI, 2011, não paginado)

Portanto, ao final do livro de Lois Lowry essa tessitura organizada com tanta racionalidade consegue impregnar o leitor com cada palavra, cada expressão de linguagem, como se as personagens se apropriassem do discurso para o inquietar de alguma forma.

## Conclusão

*“Penso, sobretudo – nesta primeira década do século XXI – que o estado atual dos estudos de linguística e de literatura podem complementar-se no objeto que constroem, e no modo por que interrogam este objeto que constroem”.*  
(Lajolo).

O século XXI tem exposto pessoas de todas as faixas etárias, gêneros, etnias e classes sociais a uma infinidade de situações conflitantes que precisam ser mais bem compreendidas e ressignificadas, para que não culminem em impactos de proporções inimagináveis. Este é um tempo, o qual Zygmunt Bauman (2001, 1998) define como *modernidade líquida*, e o caracteriza pelo desapego, a provisoriedade e o acelerado processo da individualização; ou seja, um tempo de liberdade, ao mesmo tempo, de insegurança.

O que, segundo Cavalcanti e Pereira (2010), pode ser complementado pelo fato de que

Vivemos numa sociedade que dialoga pouco, mas que fala muito consigo mesma, que não consegue efetivamente, colocar-se na pele do outro. E essa é uma possibilidade que a literatura nos dá. A literatura nos mostra como vive outra gente, como pensa, como sente. Nesse sentido, a literatura possibilita um alargamento de horizontes, já que oportuniza aos indivíduos uma posição crítica a diversidade vivenciada pelo leitor. (CAVALCANTI; PEREIRA, 2010, p.427-428)

Por isso, através de uma linguagem simples e objetiva, embora demonstrando extremo cuidado, Lois Lowry em sua ficção utópica-distópica, *O Doador de Memórias*, oferta ao leitor um novo viés de análise crítico-reflexiva, oriundo do entretenimento cultural. Assim, Hilário (2013) propõe que a distopia

possa ser utilizada como instrumento de reflexão acerca dos “efeitos de barbárie” que nos cercam na contemporaneidade. Mattéi (2002, p. 13) compreende estes efeitos como a perda do sentido no campo da cultura, da política, da arte, da educação etc. Assim, de acordo com este autor, há efeito de barbárie sempre que uma ação, uma produção ou uma instituição não elabora mais o sentido, mas o destrói ou consome. (HILÁRIO, 2013, p.212)

Nessa interface criativa da ficção com a realidade é possível se estabelecer um novo olhar sobre a vida e suas relações sociais, de modo que os pensamentos e as conclusões do seu público leitor possam ser apurados de modo bem mais ameno se comparado ao peso de

uma leitura cotidiana de jornal; mas que não perdem qualitativamente em termos de potencial transformador humano.

É como explicam Cavalcanti e Pereira (2010),

A literatura tem uma natureza perturbativa e geradora de inquietações. Nutrindo-se da tradição ou da inovação, ela propõe diferentes e até ousadas concepções de mundo; transita pela esfera do real –, expressando-o e interpretando-o –, e do possível, indo além, ao plano do imaginário. A complexidade do texto literário, que se reflete no seu aprofundamento filosófico, existencial e social, aceita o acaso, a criatividade e o inesperado como componentes do processo de vida social, questiona a linearidade das ações humanas e atua com base em redes que simultaneamente separam e unem conhecimentos, em sistemas de organização abertos que permitem a ampliação e aprimoramento do ser individual e socialmente. A literatura compete a emancipação da humanidade de suas amarras naturais, religiosas e sociais. Esse papel está diretamente relacionado à experiência da leitura. A leitura crítica e reflexiva pode libertar o leitor de adaptações, prejuízos e apertos de sua vida prática, obrigando-o a uma nova percepção das coisas. A literatura tem uma função emancipatória do leitor, no sentido de que a compreensão do mundo repercute também em suas formas de comportamento social. (CAVALCANTI; PEREIRA, 2010, p. 428)

Essa percepção decorre especialmente do modo como as relações entre a literatura, os aspectos linguísticos e a língua tecem entre si. Porque, segundo Lopes (2010),

O texto literário é ao mesmo tempo igual a todos os outros (em termos de forma e estrutura) e diferente de todos (pela linguagem); é ao mesmo tempo igual a todos os outros (em termos de uso de uma linguagem) e diferente de todos (pela procura de uma forma e estrutura peculiares); é ao mesmo tempo igual a todos os outros (em termos de forma e estrutura e uso da linguagem) e diferente de todos (em termos de forma e estrutura e uso da linguagem). (LOPES, 2010, p.11)

Como considera Sant'Ana (201-, p.1), “a linguagem é instrumento fundamental para as relações humanas e a produção de cultura, é nela, por meio dela, que o homem lê o mundo e a própria história” Verifica-se, portanto, que na leitura do texto literário deve haver sempre o exame atencioso do que estabelece suas funções e valores, de modo que se possa romper o modo convencional de perceber e de julgar a si, as artes e o mundo.

## Referências

ARAÚJO, R. B. de. A revolução tecnocientífica e a distopia no imaginário ocidental. **Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade**, São Carlos, SP, v.2, n.1, p.2-11, Jan./Jun. 2011.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8.ed. São Paulo : Hucitec, 1997.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Identity in the Globalizing World**. Disponível em:<  
[https://www.corwin.com/sites/default/files/upm-binaries/24493\\_01\\_Elliott\\_Ch\\_01.pdf](https://www.corwin.com/sites/default/files/upm-binaries/24493_01_Elliott_Ch_01.pdf)>.  
Acesso em: 10 jun. 2017.

BRITO, D. S. de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**, Praia Grande, a.4, n.8, Jun. 2010. Disponível em:<  
[http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4\\_ed08.pdf](http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. In: *Ciência e cultura*. São Paulo. USP, 1972.

CAVALCANTI, L. M. D.; PEREIRA, C. M. O valor e a importância da literatura para a formação do homem: dois autores, Machado de Assis e Manuel Bandeira. **Revista Travessias**, v.10, p.425-439, 2010.

COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. C. de. Língua, Cultura e Identidade: Conceitos intrínsecos e interdependentes. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v.4, n.1, p.24-34, jan./jul.2013.

FERREIRA, A.B. de H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira. 8.ed. Curitiba: Positivo, 2010. 960p.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, 102p.

HILÁRIO, L. C. Teoria Crítica e Literatura: A Distopia como ferramenta de análise radical da Modernidade. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013. Disponível em:< <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2013v18n2p201/25995>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: \_\_\_\_\_. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 118-162.

LAJOLO, M. Literatura, Linguística e Linguagem: uma questão de diferença. **Revista da ABRALIN**, Maceió, v.10, n.2, p.197-210, Jul./Dez. 2011.

LIMA, A. F. de. Para a Reconstrução dos conceitos de Massa e Identidade. **Universitas Psychologica**, Bogotá, v.6, n.3. p.613-622, set./dez. 2007.

LOPES, P. C. **Literatura e linguagem literária**. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2010. Disponível em:< [http://bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=1785](http://bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1785)>. Acesso em: 08 jan. 2018.

PANTALEONI, C. **Literatura e linguagem**. 17 jun. 2011. Disponível em:<  
<http://8inverso.com.br/2011/06/literatura-e-linguagem-por-cassio-pantaleoni/>>. Acesso em: 08 jan. 2018.

PAVLOVSKI, E. **1984-** A distopia do indivíduo sob controle. 2005. 285f. Dissertação (Estudos Literários) - Pós-Graduação em Letras - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

REZENDE, M. J. de. A globalização e os desafios da ação política num contexto de concentração de riqueza e de poder: as reflexões de Zygmunt Bauman e as de Celso Furtado. **Revista Estudos Sociais**, México, v.16, n.30, p.7-44, jul./dez. 2007.

SANT'ANA, J. A. **A importância da literatura na formação do homem.** Teatro e literatura dramatizada: uma perspectiva de leitura. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/336-4.pdf>>. Acesso em: 08 Jan. 2018.

## **SPEECH AND LANGUAGE IN DYSTOPIC CONSTRUCTION OF THE GIVER**

### **Abstract**

The way in which communication is established among human beings is a very important indication of how language is perceived and understood by people. For this reason, *The Giver*, by *Lois Lowry*, through a dystopic construction, deals with topics of human interest, such as social control, freedom, right of choice and differences. In his creative interface of fiction with reality it is possible to establish a new look at life and its social relations, so that the thoughts and conclusions of its readership can be verified in a much more pleasant way compared to the weight of a reading daily newspaper; but which do not lose qualitatively in terms of human transformative potential. Ths, this article proposes a critical analysis based on the relationship between speech, language and literature in the composition of social relations and power present in the book.

### **Keywords**

Literature. Speech. Language. Dystopia.

---

Recebido em: 16/02/2018  
Aprovado em: 10/04/2018